

LITERATURA - CULTURA. QUE RELAÇÃO?

O relato de uma experiência curricular.

MARIA DO ROSÁRIO GUERREIRO VAZ *

Preâmbulo

Neste espaço de partilha de experiências que a Escola Superior de Educação de Beja a todos proporcionou, é minha intenção dar a conhecer algum do trabalho realizado no âmbito da docência da disciplina de Literatura e Cultura Portuguesas, disciplina que integra o curriculum do Curso do 1º Ciclo do Ensino Básico - 1º ano - na Escola Superior de Educação de Setúbal.

Antes de passar à tarefa a que me propus gostaria de pegar em algumas interrogações que muitas vezes se me/nos põem, uma das quais constitui o leitmotiv, quase desafio, colocado pelas 1ªs. Jornadas da ESE de Beja, "A Cultura ensina-se?". A esta eu acrescentaria "E a literatura, também ela se ensina? Estuda-se?" E ainda "Literatura-Cultura, que relação?"

Como é bom de ver não pretendo trazer aqui respostas para tais e tantas perguntas.

Também não irei entrar em definições, pois isso seria qualquer coisa de muito difícil, perigoso e controverso quando se trata de coisas como a Cultura e a Literatura.

Neste âmbito até os dicionários, nossos preciosos auxiliares em momentos de aflição, se revelam impotentes, já que se trata de realidades do domínio do humano e por isso muito complexas.

Há, de facto numerosíssimas definições ou tentativas de definição, quer para uma, quer para outra, mas ao entrar por esse caminho arriscar-me-ia a ter que terminar como Camões e sobretudo como o poeta anónimo do séc. XVII, ao tentar definir o que é o amor, dizendo também eu,

..."é, por fim um não sei quê

que não entendo".

Porém, mesmo assim, atrevo-me a tecer algumas muito superficiais considerações em torno das já referidas temáticas.

Partindo do vocábulo *colere*, isto é cultivar, encontramos a fonte latina de cultura.

* Docente da ESE de Setúbal

Ora, no dizer de Jorge Reys "cultivar retrata a acção do homem perante a natureza, compreende a experiência para nela actuar e abarca o supremo e misterioso estalar dos frutos em que se fundem criação e recriação".

Poderíamos então extrapolar e afirmar que cada homem é um criador e um portador de cultura, a qual ele modifica e transmite.

Através desta ideia, fácil se tornará levar até ao aluno (futuro professor) a noção de que não há compartimentos estanques entre o que já se tem chamado de cultura letrada e cultura iletrada, pois no seu trabalho como profissional ele deverá ter em consideração quer uma, quer outra.

A ideia do homem culto, sinónimo do homem do muito saber, do homem bem informado, é ainda hoje uma dimensão a ter em linha de conta.

Permitam-me que vos conte o que, não há muitos anos atrás, aconteceu com uma pessoa da minha família, por acaso professor do ensino primário.

Ele costumava passar férias num monte alentejano e a mulher de um empregado do lavrador, velhota analfabeta, vendo o professor a ler um texto que lhe pareceu ser uma carta, perguntou-lhe meio embevecida, meio em dúvida:

"Mesmo assim, o Senhor Professor já lia toda a carta que lhe dessem?!"

Para esta senhora ler uma carta representava o máximo do saber e o seu leitor neste caso era encarado, por isso, como um homem culto.

Gostaria ainda de citar Jean Ricardou que, em relação a estas coisas da cultura, diz que há dois tipos de pessoas:

"As que quando ouvem a palavra cultura tiram o revólver, e as que quando ouvem a palavra cultura tiram a universidade"⁽¹⁾.

Aos primeiros, a palavra cultura parece incomodar, para os segundos a cultura é um bem soberano.

Ora, voltando um pouco atrás, gostaria de dizer que a noção de cultura que passa pela disciplina de Literatura e Cultura Portuguesas do nosso curriculum, na ESE de Setúbal, não é nem uma, nem outra; será antes uma situação de compromisso entre ambas, isto é, não sendo invocada em termos académicos e superiores, ela aceita a ideia de que a cultura é um bem absolutamente necessário e presente em todo o cidadão manifestando-se essa cultura das mais variadas formas.

E uma dessas formas é, sem dúvida, através da leitura.

Mas e então em que medida entra aqui a Literatura?

Não resisto à tentação de citar o grande mestre Jacinto do Prado Coelho que, em "Ao Contrário de Penélope", diz a certa altura:

(1) Jean Ricardou - *Travailler Autrement*. in Michel Mansuy, *L'enseignement de la littérature*, Nathan, Paris. 1977. pág. 14

"A literatura não se fez para ensinar; é a reflexão sobre a literatura que nos ensina".

E, de facto, nesta perspectiva que entra a dimensão literária na disciplina de Literatura e Cultura Portuguesas.

Quer isto dizer que o trabalho nesta disciplina não escamoteia o texto, para se alimentar apenas da informação cultural.

A literatura na disciplina da ESE de Setúbal funciona como "o espaço encantatório, como o espaço de confluência de uma infinidade de referências, como o espaço de compromisso entre o estudo do texto e a cultura por ele transmitida"(1).

E assim que o seu ponto de partida é o livro (o romance, o conto. ...) já que a leitura permanece uma das chaves fundamentais da cultura.

O livro alarga a percepção do mundo, abre as portas do imaginário, educa a sensibilidade e enriquece o nosso diálogo com os outros.

Poderíamos então dizer que assim se cumprirá a função de comunicação da literatura.

Apesar de os Cursos de Formação Inicial das Escolas Superiores de Educação se destinarem especialmente a formar Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, e havendo na maioria dos currícula, na área da linguagem, uma especial relevância para as questões relacionadas com a iniciação à leitura e à escrita, não nos parece que a dimensão literária deva ser relegada para 2º plano.

Há que repôr o texto literário no seu lugar, que não tem que ser forçosamente um lugar superior mas um lugar à parte, pois a literatura é um exemplo da arte escrita.

Não podemos, pois, esquecer a especificidade da comunicação escrita nem tão pouco a sua importância no desenvolvimento cognitivo e afectivo da criança.

Para não me alargar muito mais em considerações deste âmbito e passando a fazer uma apresentação mais concreta e imediata da disciplina de Literatura e Cultura Portuguesas, diria que ela pretende fundamentalmente fazer, de uma forma relacional, a ligação entre os dois termos do binómio literatura-cultura.

Sendo assim trabalhada, ela propõe-se dar ao aluno a ideia de que a literatura não é um sistema autónomo e fechado, mas que vive de uma relação dinâmica com o universo sócio-cultural e histórico em que tem lugar.

O seu programa aponta para um percurso que vai desde a criação de condições para a tomada de consciência das realidades vividas pelo aluno (futuro professor) no que diz respeito à sua infância, crescimento e aprendizagens, passa pelo confronto dessas experiências vividas com as representações literárias que as possam traduzir e vai até ao enquadramento dos aspectos referidos no universo cultural português.

O referido programa é, sempre que possível, desenvolvido em interdisciplinaridade

(1) COLAÇO, Jorge, Estudar Literatura: uma prática teórica. "Palavras", Lisboa, (7) p.7

com outras áreas do saber, constantes do curriculum do aluno.

No fundo, esta cadeira, neste Curso, pretende de algum modo contribuir para a difusão de uma cultura geral que ajude os futuros profissionais a acompanhar mais tarde o movimento de pesquisa e do desenvolvimento literário.

É de assinalar ainda que uma preocupação também sempre presente tem sido a de relacionar os saberes transmitidos/adquiridos com a previsível prática do futuro profissional, levando à construção de materiais pedagógicos, a serem aproveitados em sala de aula.

Para terminar, e depois de tudo o que disse, não terei dificuldade em afirmar, como Adolfo Coelho já o fez, que, "Não só as letras ensinam: a escola está em toda a parte, no mundo criado pelo homem, material e espiritual; em casa, na rua, nos ofícios, nos lazeres, em todas as actividades humanas.

É-se culto sem se saber ler e em certas circunstâncias, o analfabeto afirma-se mais culto do que o letrado".

OBJECTIVOS

1. Proporcionar a descoberta e o gosto pela leitura.

2. Colocar o futuro professor em contacto com as diferentes representações do real veiculadas pela literatura, através de variados temas, linguagens e géneros.

3. Mostrar como a literatura, enquanto força socialmente activa, intervém nas relações dos homens com o mundo e, portanto, na própria transformação da sociedade.

4. Criar condições para que o professor em formação usufrua da complexidade da comunicação escrita, isto é, da pluralidade das suas funções e modelos.

5. Mostrar como a literatura reflecte uma certa configuração cultural, tanto a nível temático como formal.

6. Desenvolver conhecimento e apreço pelos valores característicos da Identidade, Língua, História e Cultura Portuguesas.

RÚBRICAS PROGRAMÁTICAS

1. A Literatura Institucional

1.1 - A infância na literatura

1.2 - A literatura na infância

2. A Literatura Tradicional

2.1 - A literatura oral e tradicional: diversidade

3. Os grandes complexos e mitos da cultura portuguesa

BIBLIOGRAFIA

FRIAS, Jorge Reyes - *Cultura Popular; Reflexões, Problemáticas*, Coleção Labor, nº 4, Edições do Instituto de Formação Social e de Trabalho, Lisboa, 1977.

LIMA, Augusto Mesquitela, Martinez, Benito e Fialho, João Lopes - *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, 1987.

COELHO, F. Adolfo - *Cultura e Analfabetismo*, Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Etnologia, Lisboa, 1984.

COELHO, Jacinto de Prado - "*Ao Contrário de Penélope*", Livraria Bertrand, Lisboa, 1984.

COELHO, Eduardo Prado - "*A letra litoral*", Moraes Editora, Lisboa, 1979.

TAVARES, Maria Andresen de Sousa - "*Porquê o Ensino de Literatura nas Escolas Superiores de Educação?*", Revista da APP nº 7, Lisboa, 1987.

REIS, Carlos - "*O ensino de Literatura Portuguesa, na Universidade*", Actas do Congresso sobre Investigação e Ensino do Português, ICALP, Lisboa, 1989.

SARAIVA, José António - "*História da Cultura em Portugal*", Livraria Bertrand, Lisboa, 1982.

RICARDOU, Jean - "*Travailler Autrement*", in Michel Mansuy, *L'enseignement de la Littérature*, Nathan, Paris, 1977, pág.14.

L.A. CAMEIRINHA, LDA.

AUTOMÓVEIS:

PEUGEOT - ALFA ROMEO - UMM

•

CAMEIRINHA & FILHOS, LDA.

AUTOMÓVEIS:

RENAULT - BEJA

•

CAMEIRINHA - AUTOMÓVEIS, LDA.

AUTOMÓVEIS RENAULT - ÉVORA

•

**CAMEIRINHA, BELCHIOR &
MACHADO, LDA.**

AUTOMÓVEIS E CAMIONS:

MERCEDES-BENZ E MITSUBISHI

•

CAMEIRINHA - MÁQ. AGRÍCOLAS, LDA.

TRACTORES FIAT - ALFAIAS GALUCHO

•

LEONEL ANTÓNIO CAMEIRINHA

COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES GALP

•

RESIDENCIAL CRISTINA

UNIDADE HOTELEIRA DE ****



Aspecto das instalações RENAULT BEJA

UM GRUPO DE EMPRESAS AO SERVIÇO DO ALENTEJO